

## VESTÍGIOS DE PROTOATIVISMO LGBTQIA EM BELO HORIZONTE (1950-1996)

Luiz Gonzaga Morando Queiroz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta uma série de fatos e ocorrências que buscam entender a formação do movimento LGBTQIA em Belo Horizonte, entre 1958 e 1997. No plano nacional, aquele movimento é dado como iniciado em 1978, com a fundação do grupo Somos, em São Paulo. No entanto, é possível verificar que uma movimentação difusa se estabelecia em diversas cidades a partir do final da década de 1950. Baseado em notícias da imprensa, ocorrências policiais, autos judiciais de eventos criminais e relatos orais, o texto aborda o período identificado como protoativismo LGBTQIA na capital mineira.

**Palavras-chave:** Protoativismo LGBTQIA; Identidade; Visibilidade; Belo Horizonte.

### Introdução

Uma história mais profunda, diversificada, conjuntural, que leve em conta os vazios, as interseções, as singularidades, os diálogos com outras áreas e o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais e assexuais (LGBTQIA) em Belo Horizonte ainda está por ser feita. Uma história organizada sobre o conjunto de retalhos simbolizados pelos registros documentais legais, registros de diversas mídias, acervos pessoais, relatos orais, materiais de divulgação dos espaços de sociabilidade daquele segmento ainda está por ser constituída. Uma narrativa que ainda se debruce sobre as notícias de periódicos da imprensa (jornais, revistas, boletins), as ocorrências policiais, os autos judiciais de eventos criminais e a produção artística focados nesse segmento ainda está por ser organizada.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras no Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). Doutor em Estudos Literários – Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: luizmorando@gmail.com



De forma rigorosa e sistemática, desde o início dos anos 1990, venho tentando recolher, dentro de alguns limites e possibilidades, elementos que permitam resgatar e construir uma possível história do movimento LGBTQIA belo-horizontino. Face ao que já foi reunido – notícias e reportagens em jornais e revistas de circulação na capital mineira, autos judiciais de eventos relacionados ao segmento LGBTQIA, relatos orais de pessoas entrevistadas, constituição de acervo pessoal sobre o tema –, arrisco apontar três momentos que balizam uma história para esse movimento na cidade: um período para o qual utilizo a denominação protoativismo, proposta por Rita Colaço Rodrigues (2012) (que, em Belo Horizonte, se iniciaria durante os anos 1950 e se prolonga até 1996); um segundo momento que nomeio estabilização (caracterizado pelo surgimento e consolidação dos primeiros grupos LGBT organizados na cidade, ou seja, de 1996 a 2007); um terceiro momento que chamo de rizoma (fortalecimento do discurso e a formação de conexões com outros movimentos de maneira consistente, isto é, de 2008 em diante).

Como seu título alude, este texto se dedica a reunir vestígios para tratar da primeira fase dessa possível história. Tornou-se habitual dizer que o movimento LGBTQIA surgiu formalmente em 1978 (então nomeado apenas Movimento Homossexual Brasileiro – MHB) com a fundação do grupo Somos em São Paulo.<sup>2</sup> De fato, o Somos foi o primeiro grupo civil organizado a tomar para si a mobilização de homossexuais em torno de uma pauta que fundamentaria a luta por direitos civis, sociais, sexuais e humanos desse segmento. No entanto, esse tipo de perspectiva tende a deixar em um plano bastante distante, penumbroso e quase desimportante as iniciativas isoladas, sem formalização convencional, sem ligações visíveis e explícitas entre si, dispersas no país, marginais e periféricas com relação aos grandes centros. Assim, se for adotado 1978 como a fundação (palavra com sentido problemático nesse âmbito, tanto quanto suas congêneres origem, surgimento, aparecimento...) do movimento, é coerente pensar em um protoativismo, isto é, uma fase anterior durante a qual um conjunto de fatos, ancestrais ao Somos, que não se articulou diretamente para a formação desse grupo, se configurou em uma rede esgarçada que preanuncia uma intenção de mobilização crescente. Trata-se de identificar uma rede de ocorrências que se caracterizam mais enquanto uma movimentação sem lastro

---


<sup>2</sup> Com essa percepção, confira os autores João Silvério Trevisan (2018), James Green (2000), Júlio Assis Simões e Regina Facchini (2008) e Carlos Figari (2007).

duradouro no tempo, a ponto de permitir localizar uma organização propriamente formal, com diretrizes claras e convergência de interesses mais ampla. Nesse sentido, são sinais e vestígios que, apenas vistos a contrapelo, poderiam indiciar uma intencionalidade fugaz, um desejo recorrente, uma tentativa reiterada de criar ações de defesa e resistência de pequenos grupos visados pelos detentores do discurso da boa moral e dos bons costumes.

Sendo assim, tenho a intenção de apresentar um conjunto de resíduos, sinais, traços, indícios, vestígios, intenções, desejos de uma movimentação de *gays*, lésbicas e travestis durante aquilo que podemos considerar um possível protoativismo desse segmento na capital mineira. Volto a mencionar que o que tomo como protoativismo no caso belo-horizontino tem caráter difuso e atravessa o tempo desde o final da década de 1950 até 1996, quando se formou o primeiro grupo constituído jurídica e legalmente na cidade.

As informações reunidas neste texto são resultado, como dito anteriormente, de trabalho sistemático de busca em fontes impressas. De maneira mais comprometida e focada nesse esforço específico, desde 2003 ao momento presente, frequento semanalmente a Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa, em Belo Horizonte, com a finalidade de consultar jornais e periódicos do acervo daquele setor. Desse modo, ao longo dos últimos 15 anos, reservei um dia na semana para cumprir a tarefa de consultar os impressos publicados na capital mineira, entre 1950 e 1989, em busca de reportagens (com presença marcante, sobretudo, nas páginas policiais e nas matérias reservadas à cobertura de eventos culturais), notas (enfaticamente entre colunistas e cronistas sociais), entrevistas, artigos de opinião, crônicas, cartuns que refletissem, direta ou indiretamente, as formas de sociabilidade do segmento LGBTQIA na cidade. O extenso material reunido foi recolhido em nove jornais diários (*Estado de Minas, Diário da Tarde, Diário de Minas, O Diário, Folha de Minas, Jornal de Minas, Correio de Minas, Correio do Dia, Tribuna de Minas*), três revistas de periodicidade variada (*Três Tempos, Alterosa, Acaiaca*) e o semanário *Binômio*.

Quando possível, e como forma de perceber a interlocução com outros estados e capitais, ampliei a busca de informações em jornais e revistas disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesse sentido, o número de periódicos cresceu exponencialmente, permitindo perceber possíveis interlocuções com outros locais, a dinâmica troca de experiências ou informações entre pessoas daquele segmento,



o fluxo de informações entre estados da mesma região geográfica e entre as diferentes regiões do país.

Além disso, a base empírica que constitui esta pesquisa contém o registro fotográfico de grande parte desse material (cerca de 11.500 fotografias); a transcrição de todas as referências encontradas (organizadas cronologicamente em arquivos do Word divididos por triênios); onze entrevistas com pessoas que relataram suas experiências e vivências entre o final dos anos 1960 e o final dos anos 1980; pesquisa bibliográfica sobre a cidade no período em questão e sobre a história do movimento LGBTQIA no país. Enfim, tudo o que está relatado neste artigo foi rastreado minuciosamente na imprensa da época e por meio de relatos orais. Sendo assim, para cumprir a finalidade deste artigo, recortei apenas o material necessário para apontar os vestígios de protoativismo na formação daquele movimento na capital mineira.

O primeiro traço de protoativismo se caracteriza pela constituição de uma rede de sociabilidade aparentemente difusa com a finalidade de formar uma associação. O primeiro sinal disso se manifestou em algumas reportagens divulgadas em quatro jornais de maior circulação da capital mineira no final de janeiro de 1959. A manchete do *Diário da Tarde*, de 22 de janeiro de 1959, foi a mais enfática: “Menores efeminados queriam fundar um clube na Capital / Estarrecedoras revelações no relatório apresentado pelo Delegado de Menores à Secretaria de Segurança sobre a extensão do problema da prática do homossexualismo entre menores de 18 anos em Belo Horizonte”. Aqueles jornais basearam suas reportagens no relatório das atividades desempenhadas pela Delegacia de Menores em 1958. Aí parece constar que policiais daquela delegacia realizaram batidas em vários pontos da cidade, especialmente no Parque Municipal, onde impediram a “fundação de um clube de degenerados”. Entrevistado pelo *Estado de Minas*, ainda em 22 de janeiro de 1959, o delegado declarou: “Por outro lado, um setor que se apresentou como verdadeiro quisto policial foi o aumento do número de menores introvertidos (*sic*) na cidade. Tivemos que comandar uma ‘batida’ no Parque Municipal a fim de evitar que os mesmos conseguissem fundar um clube que já estava em organização.”

A reportagem do *Diário da Tarde* é mais detalhada, como segue:

#### O relatório

Dedicou o sr. Abel Jacinto Ganem, titular da Delegacia de Assistência aos Menores, um capítulo para a revelação da intensidade do problema. Diz a

autoridade: “Um setor que se apresentou como verdadeiro [ilegível] social foi o aumento do número de menores homossexuais na cidade.” E diz mais, demonstrando com crueza, de corajosa admoestação à grave realidade às autoridades superiores competentes que: - “Tivemos de comandar uma batida na cidade (Parque Municipal), a fim de evitar que os mesmos conseguissem seu objetivo que consistia na fundação de um clube de pederastas já em organização.”

#### O clube

A reportagem policial do DT se movimentou, junto aos funcionários da Delegacia de Menores a fim de apurar esta denúncia do delegado Abel Jacinto Ganem sobre o estranho caso deste clube. Ficamos sabendo que maiores desencaminhadores idealizaram os planos sinistros contra as infelizes vítimas que deliberaram se congregarem numa associação.

#### A descoberta

Procurando a Delegacia de Menores, uma funcionária do IAPC, há tempos, pediu providência para a descoberta do paradeiro de um rapazola, seu irmão. Teve de revelar a desgraça que envolvia a vida da pequena criatura. Costumava, já demonstrando tendências para a anormalidade, a frequentar rodas de pederastas no Parque Municipal. Diligenciando sobre o assunto, o delegado Abel Jacinto Ganem, acompanhado de uma equipe encarregada da repressão da DAM, conseguiram (*sic*) deter cerca de doze menores portadores da anormalidade. Foi assim que se descobriu a terrível verdade da organização do clube do vício. As suas finalidades eram as condenáveis práticas ao ar livre, devendo distribuir carteiras de associados para a identificação destes o que, [ilegível]. (*Diário da Tarde*, ano XXVI, n. 11.274, 22/01/1959, 1º Caderno, p. 6)

Esta foi a primeira vez em que a polícia identificou e a imprensa divulgou a intenção do que foi declarado como fundação de um clube, de uma associação. É necessário chamar a atenção para o seguinte: não importa a natureza da agremiação desejada, no plano jurídico-legal. O que interessa, sobretudo, é o registro de uma intenção mínima e o desejo de formação coletiva; a mobilização para execução dessa intenção; a existência de uma congregação que distribuísse carteira de associados; a integração de um grupo que compartilhasse ideais em comum...

Aqui é forçoso fazer um recuo maior no tempo. No começo de 1947, após a ocorrência de um crime no Parque Municipal, em dezembro do ano anterior, foi divulgada a existência de um grupo de homens homossexuais que frequentou aquele logradouro à noite, preferencialmente entre 20:30 e meia-noite, e construiu uma forma de sociabilidade. O grupo delimitou um território noturno de ocupação dentro do Parque e uma forma mínima de convivência baseada nos seguintes aspectos: iluminação precária do ambiente, o que favorecia os encontros com certa discrição; relações fortuitas; anonimato; divisão entre ativos e passivos; atribuição de nomes femininos aos participantes;



compartilhamento de um código possível de ser reconhecido entre os integrantes (MORANDO, 2008). Esse *locus* foi denominado Paraíso das Maravilhas pelos homossexuais. Mas há uma diferença fundamental com os adolescentes de 1958 – apesar de funcionar como uma espécie de confraria precursora, no Paraíso das Maravilhas não houve o desejo declarado de instituir uma associação.

Ainda em 1959, pouco menos de um mês após a divulgação do relatório da Delegacia de Menores, o *Diário da Tarde* publicou reportagem na qual informava que a polícia havia impedido a realização de um baile de enxutos nos moldes daquele realizado tradicionalmente no Teatro João Caetano, no Rio. O texto se encerra assim:

As autoridades acreditam que a ação preventiva contra o “Baile dos Enxutos” espantou o seu idealizador. Por outro lado, admitem a possibilidade de tratar-se do mesmo indivíduo que planejou, há tempos, a fundação de um “clube”, dispersado pela Delegacia de Menores quando era articulada sua criação em movimentada “assembleia geral” no Parque Municipal. As mesmas intenções teve o anormal numa e noutra oportunidade: a exploração de jovens afeminados. (*Diário da Tarde*, ano XXVI, n. 11.297, 18/02/1959, p. 12)

Independente da leitura feita pela polícia e pela imprensa, é visível certo grau de interação voltada para o desenvolvimento de uma sociabilidade. Certamente, não é possível falar da mobilização em torno de um pensamento que una e articule essas pessoas ao redor de propostas ligadas à materialização de direitos. Mas não há como negar também a permanência no tempo de uma intencionalidade e um desejo de pessoas que vão se fortalecendo, estreitando laços, construindo amizades, promovendo discussões, estimulando a troca de ideias. Senão, vejamos: quase um ano e meio depois, as travestis organizam clandestinamente um desfile de *miss*. Em junho de 1960, o jornalista Flávio Ferreira publicou três reportagens seriadas sobre jovens transviados, tendo sido guiado, sob disfarce, pelos locais que eles frequentavam. No final da terceira parte, Ferreira mencionou o Parque Municipal:

Dali, fomos ao Parque, onde dezenas de degenerados, de todas as idades, dão os retoques finais no mais extravagante desfile que vai realizar-se na cidade. Sob as árvores, *misses* de todos os tipos contorciam-se. Com a presença de representantes da Guanabara, Espírito Santo, Goiás, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco e Minas, vão “eleger”, no próximo dia 28, em um recanto da Ressaca, a representante da “classe”. (*Diário da Tarde*, ano XXVII, n. 19.612, 24/06/1960, 1º Caderno, p. 6)





Curiosamente, o primeiro concurso de *miss* travesti aberto ao público em Belo Horizonte aconteceu apenas em novembro de 1966, com cobertura e extensa reportagem da revista *O Cruzeiro*. Durante os seis primeiros anos dessa década, ocorreram tentativas constantes e clandestinas de realizar seus desfiles e concursos, algumas bem-sucedidas, apontando para certa rede de sociabilidade que possui algumas lideranças e já tentou formar uma associação.

A segunda iniciativa conhecida de constituir um clube ou associação foi tornada pública com o fechamento da primeira boate exclusiva para frequência de homossexuais em Belo Horizonte. Em dezembro de 1964, após denúncias de vizinhos, a polícia fechou o Entend's Bar, no bairro Nova Suíça. Seu gerente, Geraldino Chamarhum, foi preso e processado por corrupção de menores – no momento da batida policial, havia seis adolescentes na casa. No depoimento prestado durante o inquérito policial, Chamarhum explicou sobre a intenção de transformar o Entend's Bar em Entend's Club, constituído por cotas de associados permanentes. O Entend's Bar funcionou entre agosto e dezembro de 1964. Mais uma vez, estava clara a intenção de constituir formalmente um espaço de sociabilidade. Talvez me fosse dito para acrescentar a palavra comercial – um espaço comercial de sociabilidade, com a venda de cotas de participação entre os associados. Sim, mas acima de tudo um espaço de sociabilidade em um momento em que os poucos espaços constituídos o eram clandestinamente, alvo de ações policiais e de reclamações de vizinhos, buscando bairros periféricos à época. De todo modo, a proposta aponta para a permanência de uma rede que já vinha se entendendo há pelo menos seis anos.

Dois anos depois, no início de outubro de 1966, os jornais belo-horizontinos divulgaram que a Associação de Homossexuais da Holanda enviara telegrama à Comissão das Nações Unidas para os Direitos do Homem, sediada em Genebra, pedindo "um exame sem preconceito da sorte desta desgraçada minoria". Solicitava, além disso, que os homossexuais passassem a ser considerados "seres humanos normais que, contudo, externam suas paixões de maneira diferente". Por fim, a associação lamentava que os homossexuais não pudessem viver sua própria vida e "expressar sua maneira de amar". (*Diário de Minas*, ano XVIII, n. 5.138, 05/10/1966, p. 8)

É muito provável que isso tenha sido suficiente para que alguns homossexuais e travestis da capital mineira viessem a público e divulgassem a tentativa já em curso de criar a Associação dos Libertados do Amor (ALA). É bem possível que a notícia da

proposta holandesa tenha sido um estimulador para que alguns homossexuais belo-horizontinos se encorajassem e revelassem os preparativos para a formação da ALA. A primeira nota a esse respeito saiu no dia 7 de outubro e era encerrada desta maneira:

O presidente da entidade será o jovem conhecido no Maletta por Marcelo, e que tem o apelido de “La Rondinella”. Informa-se que os homossexuais de Belo Horizonte já consultaram um advogado para saber se podem imitar os “travestis” da Holanda, que têm a sua associação. A polícia está procurando saber onde se reúnem os futuros associados da “Liga dos Libertados do Amor”, para “aconselhá-los a não cometer tamanha asneira”. (*Diário de Minas*, ano XVIII, n. 5.140, 07/10/1966, p. 9)

Os jornais belo-horizontinos comentaram sobre a ALA durante uma semana, sempre observando que a polícia estava de olho. Não houve mais registro sobre a tentativa. No final do mês seguinte, ocorreu o I Concurso de Miss Travesti Minas Gerais, sobre o qual mencionei mais acima, tendo sido aclamada vencedora Sofia di Carlo, que se tornaria uma referência entre os homossexuais a partir daí.

Em meio a essas ocorrências em Belo Horizonte, no plano nacional uma movimentação de homossexuais e travestis chamava a atenção. Em setembro de 1966 foi noticiado o propósito de realizar o I Congresso Nacional do Terceiro Sexo, em Niterói, com a intenção de discutir, entre outros temas, sobre casamento, felicidade no lar, traição e ética. A polícia interveio e impediu a realização do evento. Em 1967, não se noticiou nada sobre isso, mas há registros da ocorrência de desfiles e concursos de travestis em diversas cidades. Entretanto, em março de 1968, nova intenção de realizar o I Congresso Nacional das Bonecas, em Petrópolis, foi anunciada. Novamente, a polícia interferiu e, segundo os jornais, prendeu 35 travestis naquela cidade. Em maio de 1968, um rastilho de pólvora se acendeu no Nordeste. Nesse mês, divulgou-se que João Pessoa sediaria um ‘congresso de enxutos’ em junho. De acordo com reportagem do *Diário de Pernambuco*, o evento já tinha uma pauta definida, baseada em quatro itens:

- a) reconhecimento do 3º sexo;
- b) permissão para casamento e divórcio entre homossexuais;
- c) reivindicação de melhor tratamento por parte da sociedade;
- d) fundação do **Clube dos Enxutos**, que deverá ter funcionamento livre, onde que quer seja implantado (*Diário de Pernambuco*, ano CXLIII, n. 118, 22/05/1968, 2º Caderno, p. 5, grifo do jornal).

O quarto item evidencia certo histórico crescente de luta pela construção de uma associação. Essa luta parece não estar localizada apenas em uma cidade/região, mas





permite deduzir que já está disseminada por alguns estados. O secretário de Segurança da Paraíba anunciou que não permitiria a realização do encontro. No final de maio, a polícia deteve cinco travestis em Fortaleza que tentavam embarcar para João Pessoa a fim de participar do evento.

Após um vácuo na imprensa, as notícias voltaram a circular no final de junho. Deduz-se que a realização do evento havia sido transferida para Fortaleza, pois em um jornal local fora divulgado que o encontro, previsto para 26 e 27 de junho, teve sua realização impedida pela polícia cearense. A notícia acrescenta que delegações de Minas Gerais, Bahia, Rio, São Paulo e Estado do Rio já se encontravam em Fortaleza. Os participantes foram desmobilizados, tentaram se organizar clandestinamente, mas a polícia ficou atenta aos movimentos e sufocou a iniciativa.

Esses fatos caracterizam minimamente as tentativas de organização civil do segmento de homossexuais e travestis em torno de questões comuns, da intenção de promover um debate coletivo e estimular a reflexão sobre temas de interesse do grupo, da constituição de uma associação representativa do segmento.<sup>3</sup>

Em novo salto temporal, outro vestígio de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte foi a realização do I Simpósio de Debates sobre o Homossexualismo, promovido e realizado pelo jornalista Edson Nunes. O evento foi sediado no Colégio Estadual Central, nos dias 17, 18 e 19 de julho de 1972. A cada dia, um profissional de uma área diferente abordava a homossexualidade sob a perspectiva de seu campo de atuação. Assim, no dia 17, o psicólogo e psiquiatra Paulo Saraiva, do curso de Psicologia da UFMG, se apresentou; no dia 18, foi a vez do endocrinologista Marcos Fernandino, da Faculdade de Medicina da UFMG; no terceiro dia, uma mesa reuniu três denominações religiosas diferentes: o padre e teólogo José Vicente de Andrade, o pastor Márcio Moreira, da II Igreja Presbiteriana, e o próprio Edson Nunes, espírita kardecista.

O evento teve a cobertura da imprensa local e nacional da época. Por exemplo, o *Jornal de Minas* e o *Diário de Minas* publicaram reportagens com uma semana de antecedência, tendo sido seguidos por outros jornais locais. No Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* também iniciou cobertura do evento antes do dia 17, confirmando a percepção

---

<sup>3</sup> É fundamental não deixar de mencionar a tentativa de realizar um congresso nacional para discutir sobre a homossexualidade, em Caruaru (PE), em abril de 1972, pelo padre Henrique Monteiro, da Igreja Ortodoxa Italiana, e a possível criação de uma Sociedade de Proteção das Bonecas. A esse respeito, cf. Rodrigues (2012).

do grau de importância que o evento teve aos olhos da imprensa. O simpósio teve a presença estimada de 50 pessoas em média em cada dia. De acordo com longa entrevista que me foi concedida em 14 de julho de 2004 (ou seja, 32 anos após o evento), Edson Nunes afirmou que com aquele simpósio ele se reconhecia homossexual e iniciava uma trajetória sem retorno. Pouco tempo depois, Nunes transferiu residência para São Paulo e retornou a BH apenas em 1980.

Pouco antes de seu retorno à capital mineira, surgiu o primeiro grupo reconhecidamente *gay* da cidade, embora ainda não constituído juridicamente. Na edição de maio de 1980, o jornal *Lampião de esquina* noticiou, em reportagem sobre a realização do I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) – realizados simultaneamente em São Paulo, entre 4 e 6 de abril de 1980 –, a presença de dois membros do grupo Terceiro Ato, de Belo Horizonte, na plenária do evento.

Na edição de junho, o mesmo jornal, na seção ‘Cartas na mesa’, publicou uma carta do grupo, como segue:

Caros Amigos. Por meio desta comunicamos a formação de mais um grupo Homo, situado em Belo Horizonte – M.G. Após um longo período de opressão, de cativo – neo-fascista – a sociedade brasileira está vivendo o momento de “redemocratização”, não vamos discutir o significado ou realidade desse fato; vamos sim aproveitar o momento, o espaço conquistado, para contestar a ideologia vigente, independente de suas origens e bases sobre as quais se assentam. O sistema é anti-humano, antinatural e queremos contribuir para a mudança. Reivindicamos o direito de crítica sobre toda a estrutura social vigente, seja sobre a problemática econômica relacionada às formas de produção – exploradores x explorados –, seja ao nosso condicionamento comportamental. Nos organizamos para lutar contra todo o tipo de segregação, em particular pelo nosso direito de “ser”, nós que somos chamados de homossexuais, “doentes”, “bichas”, “sapatões”, etc., vítimas das ditaduras da direita ou da esquerda. Não nos colocamos contra as “ideologias progressistas”, nosso movimento faz parte delas, mas contestamos a moral burguesa das esquerdas, assunto que discutiremos posteriormente. Nosso grupo é o TERCEIRO ATO. Está relacionado ao ato do questionamento, enquanto o primeiro está relacionado ao ato instintivo e o segundo ao ato condicionado. Somos o Terceiro Ato e é o questionamento dos valores que nos levou a apoiar os movimentos reivindicatórios dos direitos humanos das mulheres, negros, pessoas com problemas físicos, índios, a massa de trabalhadores e outros explorados e marginalizados deste nosso país. Acreditamos que a verdadeira democracia está relacionada com a melhoria das condições de vida do trabalhador, garantindo-lhe o fim da marginalidade. Nos posicionamos contra qualquer forma de machismo, chamamos a atenção dos trabalhadores, sindicatos, intelectuais, estudantes e todos os militantes progressistas para os preconceitos que fazem com que mulheres, negros, homossexuais, índios, etc. fiquem alijados ou vistos de forma paternalista pelos “Homens Brancos”. Não basta modificar a ordem econômica de uma sociedade se não é realizado


paralelamente um trabalho de questionamento da ordem moral vigente. Se até o momento o homem foi levado a se adaptar a “normas e leis” preestabelecidas e a situação não melhorou nada, acreditamos que estas “normas e leis” podem ser mudadas e adaptadas às realidades emanentes do homem. Nos posicionamos contra a separação entre homossexuais masculinos e femininos. Acreditamos que este antagonismo é o resultado de uma sociedade onde predomina o individualismo e, que por sua vez serve para garantir a desunião e o enfraquecimento dos grupos marginais. Somos uma força, devemos estar unidos e conscientes. Alertas contra o falso liberalismo que nos mantém como doentes ou segregados em guetos. Em Belo Horizonte é grande o número de homossexuais conscientes, é grande o número de heterossexuais que nos estão apoiando e sabemos que os Hitlers ou Stalins terão mais trabalho para nos destruir. Aos nossos amigos do Lâmpião comunicamos que nossa Caixa Postal é nº 1720. Gostaríamos que o Jornal transasse uma Coluna onde os vários grupos de todo o Brasil pudessem manter uma correspondência. Ainda estamos nos organizando, mas para o futuro pretendemos garantir a representação do “Lâmpião” em B.H., por aqui temos muito trabalho, mas também muita gente disposta.

#### Grupo Terceiro Ato – BH

**R - Nosso jornal é de vocês, amigos e amigas do Terceiro Ato. Façam dele a tribuna de congraçamento com os demais grupos oprimidos que estão surgindo em todo o Brasil. Lâmpião precisa da cooperação de vocês todos, da crítica constante e do auxílio também, como leitores atentos e, principalmente, como ASSINANTES. E não tenham dúvidas: nós, juntos, é que estamos fazendo a História. (Batucávamos tranquilamente estas linhas quando La Mambaba surge na redação. Na sua curiosidade animal, veio direto na minha direção, leu o que eu escrevia e apostrofou: “Apanhado outra vez pecando contra a modéstia! A grandiloquência é um vício essencialmente fascista. Põe isso na tua cachola, bicha obtusa: quem se diz oprimido não pode falar como os donos do poder.”) (LÂMPIÃO DE ESQUINA, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, jun. 1980, p. 18.)**

É possível perceber que em maio de 1980 o grupo ainda estava em constituição e já tinha uma caixa postal para eventual correspondência. Entretanto, não tinha sede e não chegou, como se sabe hoje, a ser formalizado legalmente, com existência como pessoa jurídica e registro em cartório. Mas mesmo assim houve mobilização suficiente para se deslocar para São Paulo e se integrar a um movimento nacional.

Em entrevista com Sérgio Leite, único remanescente do grupo que consegui localizar em Belo Horizonte, em agosto de 2018, fui informado de que o grupo sempre agiu informalmente, ou seja, não teve condições de se registrar em cartório ou de obter um CGC (atual CNPJ). Ele mencionou que seus integrantes, ao redor de 12 a 15 pessoas, se reuniam periodicamente no Parque Municipal da cidade, ponto de encontro habitual deles, para discutir ações e propostas para atrair mais participantes, definir o tipo de material a ser preparado para panfletagem em locais comerciais de frequência LGBT,



debater sobre questões atinentes ao segmento naquele período, trocar informações. Leite ainda disse que o grupo atuou ao longo de dois anos, no máximo.

Em entrevista cedida à Frederico Viana Machado, em 2006, Edson Nunes relatou o seguinte:

O Terceiro Ato é o seguinte, José Eduardo, mais um grupo de pessoas, eu acredito que foi em torno de 1978, eles resolveram criar o Globo, inspirando no *Lampião*. O *Lampião* chegava aqui em Belo Horizonte, então quando eles viram que a coisa tava naquele ponto eles se reuniam debaixo das árvores do Parque Municipal. (...) Era uma ação exclusivamente em circuito interno no próprio meio. O que eles buscavam era conscientizar o próprio meio, então eles convidavam, né, nos guetos eles distribuía folhetos chamando para essas reuniões lá no Parque Municipal, e ali havia troca de ideias e conscientização, dos direitos, da identidade homossexual, era um trabalho assim, educativo (MACHADO, 2007, p. 74).

Todavia, na mesma entrevista que Edson Nunes me concedeu em 14 de julho de 2004, ele afirma que não conheceu o Terceiro Ato no período em que existiu. Ele diz que conheceu os remanescentes do grupo após sua dissolução, e que alguns deles se agregaram às suas ações mais tarde. É possível deduzir que Edson Nunes ouviu sobre o grupo por meio de seus participantes, após sua dissolução. Ainda de acordo com Edson Nunes (MACHADO, 2007), alguns membros do Terceiro Ato se juntaram à sua campanha em 1982, como veremos à frente.

É importante destacar a recorrência com que o Parque Municipal se torna local de encontro e reunião de pessoas LGBT interessadas em constituir uma rede de sociabilidade. Coincidentemente, o mesmo território do Paraíso das Maravilhas e do grupo de “menores efeminados” de 1958, impedidos pela polícia de formar uma associação, foi compartilhado pelas travestis para ensaiar clandestinamente seus desfiles e pelo Terceiro Ato para discutir suas diretrizes. Certamente não era uma coincidência, pois o Parque já se tornara de fato território de homosociabilidade em Belo Horizonte.

Ainda no final dos anos 1970, e se estendendo pela década de 80, constituiu-se um grupo de sociabilidade lésbica automeado Vila Sésamo. Eram lésbicas que conviviam nos bares e boates existentes na cidade, em geral administrados por ou de propriedade de três lésbicas fundamentais na história dessa faixa do segmento LGBTQIA na cidade: Norma Sueli (boate Chez Eux), Mani (bar Marrom Glacê e boate Plumas e Paetês) e Mariinha (Bar da Mariinha, além do período de sociedade com Mani). Além de



estabelecerem formas de convivência a partir desses locais, para determinados finais de semana as integrantes do Vila Sésamo passaram a alugar sítios na região metropolitana da capital para se encontrarem e aprofundarem laços. O Vila Sésamo não teve nenhuma formalização jurídico-legal, mas certamente se consolidou como espaço geracional de afirmação da identidade. Este grupo não foi noticiado em jornais, tendo ficado restrito à divulgação boca a boca entre as lésbicas na cidade.

Quando retornou de São Paulo, no segundo semestre de 1980, Edson Nunes teve disposição para formar ao redor de si alguns núcleos de organização homossexual. Os dois primeiros tiveram existência breve. O Movimento Viva o Amor foi organizado, em 1982, dentro do Partido dos Trabalhadores (PT), com a finalidade de reunir homossexuais que colaborassem na campanha do jornalista para deputado federal.<sup>4</sup> Acompanhado de seu grupo de apoiadores no Viva o Amor, Nunes circulou pelos locais comerciais de frequência LGBT, conversou com as pessoas, distribuiu folhetos, tentou perceber a receptividade das pessoas contactadas. Ele não conseguiu ser eleito, e o núcleo se desfez em seguida.

Em 1984, Edson Nunes criou o Núcleo Gay do PT, mas sua duração foi curta. No mesmo ano, de outubro a dezembro, ele criou e manteve a Coluna Cheguei no suplemento Jornal de Domingo do *Diário de Minas*. Ainda em 1984, ele fundou o Movimento Mineiro de Defesa dos Direitos Homossexuais (MMDDH), que agiu até 1987. Essa organização ganhou relativa projeção nos jornais da época e se destacou mais por algumas ações de enfrentamento durante a eclosão da epidemia de HIV/AIDS. O que se pode perceber ao longo desses cinco anos é uma proeminência do jornalista, apesar de não ter conseguido consolidar um grupo de colaboradores em torno de si: principalmente nas reportagens feitas sobre o MMDDH, nenhuma outra voz, nenhum outro nome aparece, a não ser o de Edson Nunes. Após 1987, ele se afasta novamente de Belo Horizonte, retornando apenas no final dos anos 1990, quando voltou a se integrar ao movimento então já constituído na cidade.

Diga-se de passagem, que, embora não tivesse se constituído como uma ONG LGBT, o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS de Minas Gerais (GAPA-MG) foi fundado em 6 de março de 1987 dentro do contexto de disseminação da epidemia de HIV/AIDS. No vácuo originado pela ausência de grupos formais de ativismo LGBT que pudessem

---

<sup>4</sup> Além da referência a Machado (2007), outras informações a esse respeito podem ser lidas em Cruz (2015).  
Vol. 01, N. 04, Out. - Dez., 2018 · [www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh](http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh)

atuar contra a epidemia, principalmente dentro do segmento de *gays* e travestis da cidade, desde seu início o GAPA-MG desenvolveu ações de prevenção, educação, sensibilização e convivência entre homossexuais.

Em 29 de março de 1993, Ronan Couto, presidente da organização não governamental ABC AIDS, convidou homossexuais para uma reunião no Teatro Marília a fim de discutir sobre a formação de uma ONG de “defesa dos direitos dos homossexuais”. A reunião teve a presença de aproximadamente 18 *gays* e lésbicas. A proposta declarada por Couto na reunião era nomear o grupo como Associação Renascer. A iniciativa não obteve sucesso.

Em 28 de junho de 1997, o GAPA-MG realizou a primeira celebração do Dia Mundial de Orgulho Gay (como era designado na época). O ato aconteceu na Praça Sete de Setembro, no centro da cidade. A ação foi uma das atividades promovidas pelo projeto Sexo, Prazer & Homens e chamou a atenção da população por abordar o preconceito, a discriminação e a violência contra *gays*, lésbicas e travestis.

Por fim, a primeira organização formalmente criada na cidade se constituiu em setembro de 1997. Nilton de Freitas Miranda fundou a Associação Mineira GLS. A entidade teve curta duração, e já no primeiro semestre do ano seguinte foi dissolvida. Suas reuniões eram realizadas em espaço cedido dentro do Sindicato dos Bancários. Em novembro de 1997, a Associação chegou a imprimir e distribuir o número zero (e único) do jornal *Expressão GLS*.

Ao mesmo tempo, após setembro de 1997, foram fundadas outras duas instituições muito mais longevas e que marcam o início de um segundo ciclo na história do ativismo LGBTQIA da cidade: a Associação Lésbica de Minas Gerais (ALEM), fundada por Soraia Menezes e outras mulheres, e o Grupo Guri, criado por Itamar Santos.

Desse modo, 1997 encerra o ciclo de protoativismo do movimento LGBTQIA de Belo Horizonte, que se fortaleceu e se consolidou pelos dez anos seguintes.

## Referências

CRUZ, Rodrigo Rodrigues da. **Do protesto às urnas: o movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982)**. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.





FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro**. Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris: a constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado**. 2007. 274f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MORANDO, Luiz. **Paraíso das maravilhas: uma história do Crime do Parque**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysostomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. 2012. 372f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

## VESTIGES DU PROTOATIVISME LGBTQIA À BELO HORIZONTE (1950-1996)

**Résumé:** Ce texte présente une série de faits et d'événements visant à comprendre la formation du mouvement LGBTQIA à Belo Horizonte entre 1958 et 1997. Au niveau national, ce mouvement a été initié en 1978 avec la création du groupe Somos à São Paulo. Cependant, il est possible de vérifier qu'un mouvement diffus a été établi dans plusieurs villes à partir de la fin des années 1950. Se basant sur des articles de presse, des événements de police, des archives judiciaires d'événements criminels et des rapports oraux, le texte aborde la période identifiée comme proto-activisme LGBTQIA dans la capitale du Minas Gerais.

**Mots-clés:** Proto-activisme LGBTQIA; Identité; Visibilité; Belo Horizonte.

Recebido em: 09/09/2018

Aceito em: 23/11/2018